

CBPF - CENTRO BRASILEIRO DE PESQUISAS FÍSICAS
Rio de Janeiro

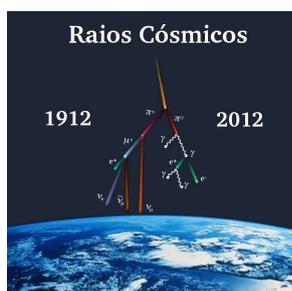
Ciência e Sociedade

CBPF-CS-007/12

abril 2012

**[Discurso de Formatura dos Bacharéis da Faculdade Nacional de
Filosofia da Universidade do Brasil]**

José Leite Lopes



Ministério da
**Ciência, Tecnologia
e Inovação**



**[Discurso de Formatura dos Bacharéis da Faculdade
Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil]**

*José Leite Lopes**

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas – CBPF

Rua Dr. Xavier Sigaud, 150

22290-180 – Urca, RJ - Brasil

* Discurso de formatura dos alunos dos cursos de ciência naturais e matemática da Faculdade Nacional de Filosofia - FNF, da antiga Universidade do Brasil (hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro), publicado na revista - intitulada FNF - que os alunos da Faculdade de Filosofia mantiveram durante duas décadas aproximadamente. O discurso de José Leite Lopes (1918-2006) foi publicado no ano de 1943. A CDI/CBPF agradece aos herdeiros do Prof. Leite Lopes a oportunidade de publicar este discurso na série Ciência e Sociedade, criada por ele em 1963.

SUMÁRIO

As palavras do orador da turma de bacharéis de 1942

J. Leite Lopes..... 1

Reprodução do Texto Original..... 5

As palavras do orador da turma de bacharéis de 1942

J. Leite Lopes

Sr. Reitor Magnífico da Unversidade do Brasil.

Sr. Diretor da Faculdade Nacional de Filosofia.

Prezados Mestres

Minhas senhoras, meus senhores, meus colegas.

A solenidade que celebramos hoje reveste-se de várias significações.

À primeira vista seríamos tentados a dizer apenas isto: somos um grupo de alunos, dentre outros em tantas outras faculdades que acaba de completar mais um ciclo de estudos e que se reúne para receber a declaração oficial de bacharelado.

Entretanto, ela não poderia ser resumida nestas poucas palavras: além da significação, de ordem afetiva, muito querida para cada um de nós e para os nossos, esta solenidade apresenta uma outra, de caráter que ousa dizer mais profundo.

No mesmo momento que estamos vivendo, desenrola-se em outras partes do mundo um conjunto de acontecimentos aos quais estamos inevitavelmente ligados pois deles dependerá certamente a configuração futura das sociedades humanas.

Qual será, pois, o significado preciso desta reunião? Como poderá ela ser situada no universo humano que nos envolve, quais as responsabilidades de trabalho que ela simboliza para cada um de nós? Responder a esta pergunta é justamente sintetizar a formação que recebemos nesta Casa, o nosso pensamento na coletividade brasileira, a nossa concepção do mundo.

Em nosso sistema universitário, constitui a Faculdade Nacional de Filosofia o estabelecimento para o qual convergem os que sentem vocação para a pesquisa científica, para a especulação filosófica, para o cultivo dos grandes clássicos, para o aprimoramento das qualidades que devem formar o professor.

Creemos desnecessário dissertar aqui sobre a repercussão que tem tido até agora em nosso meio a criação da Faculdade porque julgamos que esta repercussão só poderá ser generalizada quando os que desta Casa saírem, forem suficientes para, com seu trabalho e valor pessoal, testemunharem o que aqui aprendemos.

Queremos, apenas assinalar de início, que esta solenidade constitui um dos mais justos motivos de alegria e de orgulho para nós outros. É que ela significa, antes de tudo, a importância atribuída aos estudos desinteressados e implica um reconhecimento oficial da necessidade destes para o enriquecimento do patrimônio cultural do Brasil.

Antes da criação das faculdades de filosofia, viam-se obrigados os que concluíam o curso secundário a escolher uma das escolas superiores então existentes.

Acorriam, assim, os que sentiam uma certa inclinação pelas ciências exatas e naturais para as escolas de engenharia, química e medicina, os que pressentiam amar a filosofia ou as letras, para as faculdades de direito. Uma vez concluídos os cursos, era a maior partes deles imperiosamente solicitada para a respectiva profissão. As necessidades materiais - a própria subsistência da vida - deixavam-lhes apenas poucas horas para a meditação e a pesquisa. Mesmo em tais condições, o esforço e o idealismo de muitos deram-nos as conquistas intelectuais que hoje conhecemos e exaltamos.

Mas é absolutamente claro que um tal estado de coisa não poderia e não deveria permanecer indefinidamente, o progresso tão desejado de nossa terra exigindo uma sadia orientação e distribuição de nossas energias. Ao lado dos engenheiros que constroem, dos químicos industriais que exploram as nossas riquezas, dos agrônomos que fecundam os nossos campos, dos médicos e dos juristas que solucionam os nossos problemas humanos e os mais imediatos, tornava-se absolutamente indispensável assegurar a formação universitária dos nossos matemáticos, dos nossos homens de laboratório de pesquisas, dos nossos sociólogos, filósofos e linguistas. Tantas coisas se nos apresentam ainda por fazer, descobertas científicas, inovações técnicas, pesquisas sociológicas, obras de renovação artística e literária e de cultivo da finura clássica, mas para a continuidade de tais realizações era essencial assegurar a formação de uma elite à altura de um Oswaldo Cruz, de um Gomes de Souza, de um Machado de Assis.

É uma afirmação bem conhecida que a origem de nossas teorias e de nossos sistemas, os mais abstratos, está em última análise, na atividade de utilizar, de desenvolver técnicas. Mas a história nos mostra também que os mais grandiosos progressos da própria técnica são resultantes da pesquisa a mais desinteressada, a mais afastada de toda intenção utilitária. Os exemplos são numerosíssimos e em todos eles verifica-se que é antes deixando-se guiar por uma misteriosa intuição, por uma insaciável curiosidade de desvendar as leis do Universo, de compreender e explicar o ajustamento estético, por uma particular predileção pela beleza formal e

pela simplicidade lógica das idéias, que os homens de ciência realizam para os outros homens as conquistas espirituais de importância mais decisiva para a evolução das sociedades.

Poder-se-ia, entretanto, afirmar que se a pesquisa científica trouxe grandes bens para o homem, ela deu lugar a maiores males ainda.

A mesma ciência que impulsionou a técnica fez nascer os mais perigosos problemas de ordem econômica e militar. A máquina, criada pelo espírito, não somente passou a fazer-lhe concorrência, mas voltou-se contra o seu próprio creador.

Estamos assistindo, em nossos dias, a um drama dos mais angustiosos por que tem passado a espécie humana. Por ele, no entanto, não poderia ser responsabilizada a ciência pura ou a técnica. Como já se tem dito muitas vezes, a sua causa é antes o retardamento da moral ante a ciência, é a separação entre os valores morais e os valores racionais.

Além de sua importância técnica e do seu alcance filosófico, possui também a ciência um valor moral que é, certamente, o mais relevante de todos. Existe na pesquisa científica, como em todo trabalho intelectual honesto, um plano de conduta, de amor à seriedade e ao bem, de simplicidade humana.

O grande mal é justamente este: os que buscam os resultados das mãos do sábio para aplicá-los esquecem-se de receber os critérios de aplicação, esquecem-se de que as teorias, as equações e as experiências são, antes de tudo, verdadeiras obras de arte, poemas tecidos em louvor das virtudes espirituais do homem. Esquecem-se de receber também, os predicados humanos do sábio e de que a vida do homem de estudo, através de todos os sofrimentos, tem um objetivo supremo a atingir: o melhoramento das condições humanas, o progresso das sociedades tendo como base o indivíduo livre, bom e construtor.

É disto que se esquecem os inimigos da justiça e da liberdade contra os quais temos de lutar hoje.

Na crise atual, necessitamos de uma grande ciência para podermos preservar a marcha benéfica da própria ciência. Necessitamos também, e sobretudo, de homens moralmente fortes, com plena consciência de suas responsabilidades. Não nos esqueçamos de que somos os herdeiros da riqueza espiritual que se acumulou desde a velha Grécia e de que devemos transmitir esta herança, pelo menos intacta, aos nossos sucessores.

A guerra da qual participamos hoje não é somente uma luta pela libertação política dos povos. Deve ser também uma luta pela salvação do espírito, do pensamento criador, uma luta pela união definitiva da ciência com a moral e a justiça.

E é por isso que aqui estamos, é por isso que esta Casa trabalha, completando a tarefa das outras escolas civis e militares do país.

É por isso que esta Casa é um instituto de filosofia, de ciências e de letras. E daqui saímos dispostos a dar toda a colaboração que de nós for exigida pelo Brasil.

Falando aos alunos do Liceu Pasteur, o físico Louis de Broglie, um dos mais finos representantes do espírito francês, teve ocasião de dizer estas palavras:

" A espécie humana tem encontrado diante de si muitos obstáculos, tem corrido muitos perigos desde o início de sua história, à custa, é verdades, de grandes esforços e de grandes sofrimentos, ela os tem, em suma, ultrapassado; a melhor prova disto é que estamos aqui, nesse momento".

E nós estamos aqui, neste momento, meus senhores, numa festa do espírito.

Não é, pois, sem motivo, que escolhemos para simbolizá-la a bela e austera figura do nosso paraninfo, o professor Souza da Silveira. Estudioso profundo da nossa língua e da nossa literatura, mestre incomparável, possui - como uma das características dos nossos professores - esta preciosa qualidade de familiarização com seus alunos, comunicando-lhes sua sabedoria e apontando, com seu exemplo de simplicidade e dedicação, o verdadeiro caminho a ser seguido por cada um de nós.

A homenagem que lhe tributamos nesta festa traduz bem os altos objetivos espirituais e nacionais desta Faculdade. Que os ensinamentos que aqui recebemos e os nossos propósitos possam contribuir para a solução dos problemas humanos em que nos empenharemos decididamente.

Que os nossos sacrifícios e o nosso trabalho cotidiano sejam uma parcela a mais para a soma grandiosa do Brasil numa humanidade livre, feliz e melhor.

Rio, 30-XII-42

ANF



PUBLICAÇÃO DO DIRETÓRIO
ACADÊMICO DA FACULDADE
NACIONAL DE FILOSOFIA

RIO DE JANEIRO
B R A S I L

Sumário

UM ANO DE TRABALHO	3
CIDADE UNIVERSITÁRIA — José de Faria Góes Sobrinho	5
EXPOSIÇÃO CRÍTICA DOS FUNDAMENTOS DA TERMODINÂMICA (III) — J. Leite Lopes	10
MATEMÁTICA APLICADA À GUERRA — Prof. Newton da Silva Maia	20
A ORAÇÃO DE PARANINFO DO PROF. SOUZA DA SILVEIRA AS PALAVRAS DO ORADOR DA TURMA DE BACHAREIS DE 1942 — J. Leite Lopes	33
ESTUDO SOBRE A CIDADE DO RIO DE JANEIRO — Eulalia Maria Lahmeyer Dias Leite	41
A INSPEÇÃO DO ENSINO SECUNDÁRIO NA REFORMA DE 1931 — Geraldo Bastos Silva	46
LES TENTATIVES DE MANTIEN OU DE CREATION D'UNE CLASSE DE PETITS AGRICULTEURS INDEPENDANT — Prof. Jacques Lambert	52
O PAPEL EDUCATIVO DO MUSEU NO MUNDO MODERNO — Mario Barata	61
“SUCRE” — Norma de Castro	76
REVISTA DOS LIVROS — Aila Gomes	94
NOTAS UNIVERSITÁRIAS — Victor Konder	119
	122

*As palavras do orador da turma de
bachareis de 1942*

J. Leite Lopes

Sr. Reitor Magnífico da Universidade do Brasil.

Sr. Diretor da Faculdade Nacional de Filosofia.

Prezados Mestres

Minhas senhoras, meus senhores, meus colegas.

A solenidade que celebramos hoje reveste-se de várias significações.

À primeira vista seríamos tentados a dizer apenas isto: somos um grupo de alunos, dentre outros em tantas outras faculdades, que acaba de completar mais um ciclo de estudos e que se reúne para receber a declaração oficial de bacharelado.

Entretanto, ela não poderia ser resumida nestas poucas palavras; além da significação, de ordem afetiva, muito querida para cada um de nós e para os nossos, esta solenidade apresenta uma outra, de caráter que ousa dizer mais profundo.

No mesmo momento que estamos vivendo, desenrola-se em outras partes do mundo um conjunto de acontecimentos aos quais estamos inevitavelmente ligados pois deles dependerá certamente a configuração futura das sociedades humanas.

Qual será, pois, o significado preciso desta reunião? Como poderá ela ser situada no universo humano que nos envolve, quais as responsabilidades de trabalho que ela simboliza para cada um de nós?

Responder a estas perguntas é justamente sintetizar a

formação que recebemos nesta Casa, o nosso pensamento na coletividade brasileira, a nossa concepção do mundo.

Em nosso sistema universitário, constitue a Faculdade Nacional de Filosofia o estabelecimento para o qual convergem os que sentem vocação para a pesquisa científica, para a especulação filosófica, para o cultivo dos grandes clássicos, para o aprimoramento das qualidades que devem formar o professor.

Cremos desnecessário dissertar aqui sobre a repercussão que tem tido até agora em nosso meio a criação da Faculdade porque julgamos que esta repercussão só poderá ser generalizada quando os que desta Casa saírem forem suficientes para, com seu trabalho e valor pessoal, testemunharem o que aqui aprendemos.

Queremos, apenas, assinalar, de início, que esta solenidade constitue um dos mais justos motivos de alegria e de orgulho para nós outros. E' que ela significa, antes de tudo, a importância atribuída aos estudos desinteressados e implica um reconhecimento oficial da necessidade destes para o enriquecimento do patrimônio cultural do Brasil.

Antes da criação das faculdades de filosofia, viam-se obrigados os que concluíam o curso secundário a escolher uma das escolas superiores então existentes.

Acorriam, assim, os que sentiam uma certa inclinação pelas ciências exatas e naturais para as escolas de engenharia, química e medicina, os que pressentiam amar a filosofia ou as letras, para as faculdades de direito. Uma vez concluídos os cursos, era a maior parte deles imperiosamente solicitada para a respectiva profissão. As necessidades materiais — a própria subsistência da vida — deixavam-lhes apenas poucas horas para a meditação e a pesquisa. Mesmo em tais condições, o esforço e o idealismo de muitos deram-nos as conquistas intelectuais que hoje conhecemos e exaltamos.

Mas é absolutamente claro que um tal estado de coisas não poderia e não deveria permanecer indefinidamente, o progresso tão desejado de nossa terra exigindo uma sadia orientação e distribuição de nossas energias.

Ao lado dos engenheiros que constroem, dos químicos industriais que exploram as nossas riquezas, dos agrônomos que fecundam os nossos campos, dos médicos e dos juristas que solucionam os nossos problema humanos e os mais imediatos, tornava-se absolutamente indispensavel assegurar a formação universitária dos nossos matemáticos, dos nossos homens de laboratorio de pesquisas, dos nossos sociólogos, filósofos e linguistas. Tantas coisas se nos apresentam ainda por fazer, descobertas científicas, inovações técnicas, pesquisas sociológicas, obras de renovação artística e literária e de cultivo da finura clássica, mas para a continuidade de tais realizações era essencial assegurar a formação de uma elite à altura de um Osvaldo Cruz, de um Gomes de Souza, de um Machado de Assiz.

E' uma afirmação bem conhecida que a origem de nossas teorias e de nossos sistemas, os mais abstratos, está, em última análise, na atividade de utilizar, de desenvolver técnicas. Mas a história nos mostra também que os mais grandiosos progressos da própria técnica são resultantes da pesquisa a mais desinteressada, a mais afastada de toda intenção utilitária. Os exemplos são numerosíssimos e em todos eles verifica-se que é antes deixando-se guiar por uma misteriosa intuição, por uma insaciavel curiosidade de desvendar as leis do Universo, de compreender e explicar o ajustamento estético, por uma particular predileção pela beleza formal e pela simplicidade lógica das idéias, que os homens de ciência realizam para os outros homens as conquistas espirituais de importância mais decisiva para a evolução das sociedades.

Poder-se-ia, entretanto, afirmar, que se a pesquisa científica trouxe grandes bens para o homem ela deu lugar a maiores males ainda.

A mesma ciência que impulsionou a técnica fez nascer os mais perigosos problemas de ordem econômica e militar. A máquina, creada pelo espirito, não somente passou a fazer-lhe concorrência, mas voltou-se contra o seu próprio creador.

Estamos assistindo, em nossos dias, a um drama dos mais angustiosos por que tem passado a espécie humana.

Por ele, no entanto, não poderia ser responsabilizada a ciência pura ou a técnica. Como já se tem dito muitas vezes, a sua causa é antes o retardamento da moral ante a ciência, é a separação entre os valores morais e os valores racionais.

Alem de sua importância técnica e do seu alcance filosófico, posue também a ciência um valor moral que é, certamente, o mais relevante de todos. Existe na pesquisa científica, como em todo trabalho intelectual honesto, um plano de conduta, de amor à seriedade e ao bem, de simplicidade humana.

O grande mal é justamente este: os que buscam os resultados das mãos do sábio para aplicá-los esquecem-se de receber os critérios de aplicação, esquecem-se de que as teorias, as equações e as experiências são, antes de tudo, verdadeiras obras de arte, poemas tecidos em louvor das virtudes espirituais do homem. Esquecem-se de receber também os predicados humanos do sábio e de que a vida do homem de estudo, através de todos os sofrimentos, tem um objetivo supremo a atingir: o melhoramento das condições humanas, o progresso das sociedades tendo como base o indivíduo livre, bom e construtor.

E' disto que se esquecem os inimigos da justiça e da liberdade contra os quais temos de lutar hoje.

Na crise atual, necessitamos de uma grande ciência para podermos preservar a marcha benéfica da própria ciência. Necessitamos também e sobretudo de homens moralmente fortes, com plena consciência de suas responsabilidades. Não nos esqueçamos de que somos os herdeiros da riqueza espiritual que se acumulou desde a velha Grécia e de que devemos transmitir esta herança, pelo menos intacta, aos nossos sucessores.

A guerra da qual participamos hoje não é somente uma luta pela libertação política dos povos. Deve ser também uma luta pela salvação do espírito, do pensamento creador,

uma luta pela união definitiva da ciência com a moral e a justiça.

E é por isso que aqui estamos, é por isso que esta Casa trabalha, completando a tarefa das outras escolas civis e militares do paiz.

E' por isso que esta Casa é um instituto de filosofia, de ciências e de letras. E daqui saímos dispostos a dar toda a colaboração que de nós for exigida pelo Brasil.

Falando aos alunos do Liceu Pasteur, o fisico Louis de Broglie, um dos mais finos representantes do espirito francês, teve ocasião de dizer estas palavras:

“A espécie humana tem encontrado deante de si muitos obstáculos, tem corrido muitos perigos desde o inicio de sua história; à custa, é verdade, de grandes esforços e de grandes sofrimentos, ela os tem, em suma, ultrapassado; a melhor prova disto é que estamos aqui, neste momento”.

E nós estamos aqui, neste momento, meus senhores, numa festa do espirito.

Não é, pois, sem motivo, que escolhemos, para simbolizá-la a bela e austera figura do nosso paraninfo, o professor Souza da Silveira.

Estudioso profundo da nossa língua e da nossa literatura, mestre incomparavel, possui — como uma das características dos nossos professores — esta preciosa qualidade de familiarização com seus alunos, comunicando-lhes sua sabedoria e apontando, com seu exemplo de simplicidade e dedicação, o verdadeiro caminho a ser seguido por cada um de nós.

A homenagem que lhe tributamos nesta festa traduz bem os altos objetivos espirituais e nacionais desta Faculdade.

Que os ensinamentos que aqui recebemos e os nossos propósitos possam contribuir para a solução dos problemas humanos em que nos empenharemos decididamente.

Que os nossos sacrifícios e o nosso trabalho quotidiano sejam uma parcela a mais para a soma grandiosa do Brasil numa humanidade livre, feliz e melhor.

Rio, 30-XII-42.

Pedidos de cópias desta publicação devem ser enviados aos autores ou ao:

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
Área de Publicações
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150 – 4^o andar
22290-180 – Rio de Janeiro, RJ
Brasil
E-mail: socorro@cbpf.br/valeria@cbpf.br
http://www.biblioteca.cbpf.br/index_2.html

Requests for copies of these reports should be addressed to:

Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas
Área de Publicações
Rua Dr. Xavier Sigaud, 150 – 4^o andar
22290-180 – Rio de Janeiro, RJ
Brazil
E-mail: socorro@cbpf.br/valeria@cbpf.br
http://www.biblioteca.cbpf.br/index_2.html